

O propósito da presente palestra é investigar aquela região mal definida e explorada apenas ultimamente, na qual se localiza o conceito da autenticidade. É uma região que se situa entre a ética e a estética, mas que tem ligação direta com a epistemologia. Para aproximar-me dela, parto portanto da questão terreno no qual me debati com a morte na última palestra, a saber, parte da conversação. Permitam que resuma, em poucas palavras, o resultado dos debates. A conversação é a crítica progressiva de versos que lhe são propostos pela poesia, essa abertura (Offenbarung) para o nada. É portanto um desenvolvimento dos projetos contidos nos versos. Como tal, é a realização das potencialidades contidas nos versos, isto é, a conversação real. Mas a realização da conversação não passa de um jogo analítico, de uma explanação e de um esclarecimento de versos. A conversação é uma verificação de versos, sem jamais poder ultrapassá-los. É portanto uma atividade tautológica, uma atividade repetitiva. Em outras palavras é a conversação como realização a vontade do poder, e como verificação é ela o eterno retorno do sempre idêntico. Em breve: a conversação é uma resposta à morte.

Confesso que é preciso evitar que conceitos como "o nada" e "a morte" dominem a nossa discussão, já que inevitavelmente rompem todas as estruturas do pensamento. Direi portanto tão somente que o nada, ou a morte, (porque morte é o aspecto mais imediato e íntimo do nada) é a fonte e o oceano da conversação no sentido de dar direção e significado à conversação. A conversação se dirige do nada para o nada, foge da morte para investir contra ela. E com esta observação, que é uma definição, pretendo eliminar, pelo menos provisoriamente, os dois conceitos da discussão de hoje. Chamo a sua atenção para a conversação, mas peço-lhes que considerá-la, desta vez, introspectivamente. Na última quarta feira tentei apresentar a conversação como o ambiente dentro do qual o intelecto age. Hoje pretendo focalizá-la como aquilo que age dentro do intelecto. Para poder fazê-lo, torne-se necessária a tentativa de uma definição do intelecto. Lembro que provisoriamente já sugeri uma definição em uma das palestras passadas. Disse que o intelecto é o lugar no qual frases se cruzam e no qual o nada invade a língua. Esta tentativa de definição precisa ser elaborada. Disse que o intelecto é um lugar, mas o que pretendo com este termo não é uma resposta a perguntas que começam com a palavra "aonde", mas sim com a palavra "como?". O intelecto é a maneira como se cruzam e se reagrupam frases, e é neste sentido que o intelecto é um lugar. A física opera com um conceito muito próximo àquela por mim pretendido, e chama-o de "campo". O campo é, na física, a maneira como fenômenos se dão, e neste sentido o campo é um lugar. Portanto direi que o intelecto é o campo das frases. Não tem portanto o intelecto nenhuma dignidade ontológica, não é um ser, mas um como. O famoso aditivo "nisi intellectus ipse" que os empiristas do século 18 acrescentaram à frase "nada está no intelecto que não tenha estado antes nos sentidos" carece, portanto, de todo significado, é um mero ruído. O intelecto sendo a maneira como algo se dá, não admite o adjetivo "ipse", ou, traduzindo para o português, "em si". O intelecto em si é uma contradição em termos. Portanto todas as frases nas quais a palavra "intelecto" aparece como sujeito, deveriam ser, a rigor, reformuladas, até que a palavra se torne advérbio. Por exemplo: Se digo "o intelecto conhece", deveria dizer a rigor "conhece-se intelectualmente". Escolhi este exemplo para introduzir, de cho-
fre, o problema do Eu na discussão de hoje.

Parto da frase cartesiana "Cogito sum". Ela contém, embora disfarçadamente, duas vezes a palavra "eu". "Eu penso, portanto eu sou". Tendo pensado em latim, não creio que Descartes se dava suficientemente conta desse fato. Onde com efeito a dúvida cartesiana para não é o "eu penso", mas é o "pensar". O último dado indubitável, se seguimos o método cartesiano, não é um Eu que pensa, mas é o pensar. A rigor, a frase cartesiana deveria rezar: "cogitare esse" (pensar, portanto ser). Aliás, de um ponto de vista puramente formal, é a palavra "eu" dispensável na formulação cartesiana, já que aparece nos dois lados da equação, podendo ser eliminada. $ax=ay$ é idêntico com $x=y$. O conceito "eu" é um conceito dispensável e eliminável, e basta uma consideração puramente estrutural para verificar este fato, sem necessidade de recurso para o misticismo. Entretanto, uma coisa é verificar este fato, e outra coisa é sujeitar-se a ele. O conceito "eu", embora superfluo e portanto indesejável pelo princípio da economia de termos (Occam's razor), é demasiadamente dominante nas nossas línguas para poder ser eliminado. A filosofia da língua precisa progredir ainda muito para poder superá-lo. Em consequência, continuará aparecendo em nossas discussões, embora de forma esvaçada, conforme espero ter demonstrado.

...to é portanto o campo das frases. Ou melhor: as frases se dão in-
...almente. Se descrevi as frases como a correnteza que se derrama a
partir do verso, posso agora responder à pergunta: Como se derramam? Intelec-
tualmente. Vejo agora que o conceito "intelecto" é um conceito fluido que ad-
mite gradações. Posso falar em intelectualização gradativa. À medida que
as frases se derramam a partir do verso, intelectualizam-se mais e mais. O
verso é a borda esparsa e vaporizada do intelecto, e torna-se mais sólida à
medida que as frases se afastam do verso. Recorramos, para visualizar este
processo, ao campo gravitacional da Terra. As bordas desse campo se perdem
no nada do cosmos, e o campo se solidifica à medida que nos aproximamos do
seu centro. Gráficamente podemos ilustrar esse fato pela densidade crescen-
te das linhas do campo visualizadas por limalhas de ferro em redor de um po-
lo magnético. Por fim, surge um salto qualitativo do quantitativo. A partir
de um dado momento no campo gravitacional da Terra não mais falamos em energi-
gia, mas em matéria, isto é alcançamos a estratosfera. No campo intelectual
dá-se a mesma coisa. A partir de um dado momento não mais falamos em frases,
mas falamos em Eu. Mas é claro que o Eu não passa de frases extraordinária-
mente densas. Posso portanto dizer que a correnteza das frases que se derra-
ma a partir dos versos forma sulcos no campo geral da conversação, sulcos
esses chamados "intelectos individuais", no fundo dos quais se localizam os
Eus. O campo gravitacional da Terra é um sulco no campo geral gravitacional
e a Terra é o centro desse sulco. Assim aquilo que chamo o meu intelecto é
um sulco no campo geral da conversação, e eu sou o centro desse sulco. Assim
você deve ser compreendida a profunda frase de Heidegger: "Somos conversação",
embora talvez Heidegger não concorde comigo.

O intelecto, e muito mais ainda o eu, são portanto conceitos relativos. Com
efeito, o que estou expondo aos senhores equivale a um esboço de uma teoria
geral de relatividade. Muito mais geral que a teoria vulgarmente conhecida
por este nome. Se aceita, essa teoria teria implicações não somente episte-
mológicas, mas ainda éticas e estéticas imprevisíveis. A sua elaboração ul-
trapassa, entretanto, de muito o quadro destas palestras, e confesso não es-
tar ainda pronto para ela, nem tenho coragem de elaborá-la no presente está-
gio do meu desenvolvimento. Não passa por enquanto de uma visão que dá di-
reção aos meus pensamentos, e o máximo que almejo é aproximar-me dela o mais
possível. Entretanto, uma coisa posso afirmar desde já: o problema da auten-
ticidade, com todas as suas implicações estéticas e éticas, se localiza no
caminho rumo a essa visão. Explico:

A conversação, essa corrente de frases que forma sulcos e eus, que se conden-
sa portanto em intelectos e eus, não passa de uma entre duas tendências de
frases. As frases podem derramar-se a partir do verso igualmente sem jamais
condensarem-se em intelectos e eus, mas flutuar, por assim dizer, em estado
valátil. Formalmente distinguirei estas duas correntes de frases dizendo que
a primeira consiste de frases significativas, e a segunda de frases sem sig-
nificado. Existencialmente distinguirei essas duas correntes dizendo que a
primeira se dirige em direção dos eus, e a segunda flutua na região do "diz-
se", do "on dit", daquilo que a língua alemã chama de "man". Se chamei a
primeira corrente de "conversação", chamarei a segunda de "conversa fiada".
Direi que a primeira corrente, por produzir intelectos e eus em seu avanço,
é a corrente da língua autêntica, e a segunda, por não conduzir a parte ne-
nhuma, chamarei de corrente de língua inautêntica, de mero ruído. Ora, este
fato que acabo de descrever e que podemos verificar diariamente, é de inter-
pretação extremamente difícil. As tentativas feitas pelos pensadores exis-
tenciais de penetrar nesse problema são viciadas, ao meu ver, pela sua falta
de compreensão da língua. Afinal, o que determina a direção que a corrente
de frases vai tomar, a autêntica produtora de eus, ou a inautêntica da
conversa fiada? O verso não pode determinar essa direção, porque o verso,
sendo uma abertura para o nada, é sempre autêntico, no sentido de criar in-
telecto. Na conversa fiada a atividade linguística, embora se dê ares de
criticar o verso, se limita a repeti-lo, e, nesta repetição, o envolve, fe-
chando a sua abertura para o nada. É portanto a conversa fiada tautológica
num sentido diferente da conversação, num sentido pernicioso com efeito. A
conversação, embora repetitiva, conserva sempre a abertura do verso para o
nada, fala em direção do nada. A conversa fiada, superficialmente tão pa-
recida, não fala em direção do nada, mas nada fala. A conversação, embo-
ra fechada em si, está aberta para o nada. A conversa fiada está fechada
sobre si, fechada contra o nada. A conversação está com a porta aberta pa-
ra o nada, resolvida (entschlossen) para o nada, a conversa fiada está tran-
cada. Mas todas estas descrições, que estou tomando "fiado" de Heidegger,

*Psicologicamente podemos dizer que o verso é apreendido, mas não compreendido
x x "Eu do Euz"

tantas exclamações, outros tantos lamentos, e nada explicam. São variações sobre a constatação fundamental, mas inexplicável, que a conversa projeta as possibilidades do verso (entwirft), enquanto que a conversa fiada as deixa cair (verfaellt), que a conversa se projeta (ist im Entwurf) e a conversa fiada está em decadência (ist im Verfall). Mas nada explica o fato de que o verso, uma vez lançado (geworfen), ou se projeta em conversa ou decai em conversa fiada. Em resumo, todas essas considerações, já que nada explicam, são lançadas sobre si e para o nada, são, em suma, conversa fiada. Quod erat demonstrandum.

Contornarei essa conversa fiada, embora não possa resolver o problema, ao dizer que conversa fiada e conversa são conceitos relativos. E que a autenticidade é, em consequência, igualmente relativa. Essa relatividade tem algo a ver com as camadas de significado das quais falei em palestras passadas. Darei um exemplo: Há um verso na Bíblia que diz: os mortos vivem. Este verso pode ser conversado, entre outras, nas camadas teológicas e biológicas de significado. Na camada teológica produzirá uma torrente de frases que resultará, ultimamente, na produção de eus que podemos chamar de "santos". Na camada biológica o mesmo processo regulará em eus chamados "cientistas". O santo afirmará, como ulterior explicação do verso, a imortalidade da alma, e o cientista o ciclo ininterrupto da vida. Para cada um o outro será inautêntico e empenhado em conversa fiada. Com efeito, para o santo o cientista não será um eu autêntico, a não ser que participe também da camada teológica, já que não terá "alma". E para o cientista o santo não será um eu autêntico, a não ser que participe também da camada biológica, já que não "pensa". Em breve, um eu autêntico é o meu parceiro da conversação. E o meu "estar comigo" (Mitsein). Com o que não posso conversar, não é autenticamente um eu, não é um intelecto. Não está na minha camada de significado como parceiro, não está portanto aqui, (ist nicht da), não existe.

A coisa se complica pelo fato de um intelecto, um eu, participar de muitas camadas de significado. O intelecto é o campo no qual se cruzam frases de diversas camadas. Vemos agora, de outro ângulo, a relatividade do conceito "Autenticidade". Um intelecto que participa de muitas camadas de significado das quais participa altamente autêntico para mim, embora tenha também seus lados inautênticos, a saber aquelas frases pelas quais participa de camadas que me são alheias. Mas nenhum intelecto é totalmente autêntico a não ser eu, já que nenhum intelecto participa exatamente de todas as camadas de significado minhas, e está excluído exatamente de todas as camadas das quais eu estou excluído. Como eu totalmente autêntico estou completamente isolado. Com efeito, eu sou a fonte e a mensagem, que se projeta rumo a mim com a única finalidade de realigar-me. Vejam que aspecto diabólico pode ter a teoria geral de relatividade que lhes proponho. Mas apresso-me a acrescentar, que este aspecto é passageiro. A sua contemplação mais profunda conduz para uma nova humildade que é tão evidente que não a precisa discutir neste momento.

A elaboração do conceito da autenticidade iluminou, conforme espero, tanto a ilusoriedade como a solidão terrível do eu, esse pseudo-conceito que não conseguimos eliminar do nosso discurso. Com efeito, todos os esforços dos místicos orientais e ocidentais se dirigem para a demonstração da ilusoriedade do eu e, portanto, para a rompimento do isolamento. São, em última análise, tentativas de demonstrar vivencialmente a relatividade da autenticidade. E a absolutização da autenticidade que caracteriza o pensamento existencial da atualidade, resulta em exclamações do tipo: o inferno somos nós, ou: o inferno são os outros, exclamações no fundo idênticas uma com a outra.

Confesso que esta visão relativa da autenticidade me custou muito esforço e que a esposar apenas ultimamente. Há uma forte tendência em todos nós de desprezar aquilo que passa por conversa em nosso redor e que não passa, para nós, evidentemente, de conversa fiada. Algo se rebela, em nós, a aceitar como autêntico aquilo que os jornais da tarde nos comunicam, a aceitar isto como sendo tão autêntico como a Bíblia ou como Euclides. E este algo que se rebela em nós, é este núcleo aberto para o nada dentro de nós, que exige ser ouvido. Na camada da estética chamamos esse algo de "bom gosto", na da ética de "consciência", talvez, na teologia, de "alma". Fazer calar esse algo, pelo menos provisoriamente, é o esforço ao qual estou me dedicando neste momento. Faço isto na esperança de que esse algo volte a manifestar-se num estágio futuro desta discussão que progride rumo ao desconhecido.

Já agora posso dizer, entretanto, que a relatividade da autenticidade não me condena à suspensão de todos os juízos normativos. Posso dizer tranquilamente que, para mim, os jornais da tarde são inautênticos, no sentido de feios, falsos e men-

4-3-
vistos, e se comparados com a Bíblia e com Euclides, que são, para mim, con-
versa lígua. Que, para mim, um discurso demagógico me distingue de um dis-
curso de Platão pela falta de autenticidade. A limitação, que introduzi nes-
tes juízos normativos pelas palavras "para mim", em nada diminui a sua validade.
É por isto que confessei, no início desta discussão, que consigo apenas
contornar, mas não resolver, o problema da autenticidade.
Volto para o ponto de partida deste argumento. O intelecto individual, tendo
por centro o eu, é resultado do progresso da conversação. Sendo essa própria
conversação um desenvolvimento de potencialidades contidas nos versos, é o in-
telecto individual uma realização dessas potencialidades. Posso portanto de-
finir o intelecto, e com mais razão ainda o eu, como uma realização de proje-
tos contidos nos versos propostos à conversação da qual sou resultado. É es-
te, com efeito, o sentido exato da minha afirmativa, logo no início deste cur-
so, que somos produtos da língua. Somos o que somos porque assim o configura-
ram os versos que originaram a nossa conversação, e nunca podemos escapar a
este projeto. Mas somos uma realização progressiva desse projeto. Pelo fa-
to de sermos demosntramos o projeto, e por tudo que fazemos continuamos a re-
alizar esse projeto. Novamente reaparece o problema da liberdade e determina-
ção, agora em novo contexto. Somos determinados pelo projeto que nos produz,
mas já que somos esse projeto, somos, de certa forma, nós mesmos que nos de-
terminamos. Discutirei este problema numa palestra futura. O que pretendo
neste contexto é relembrar o que falei da tradução horizontal. É evidente que
cada língua é um conjunto de projetos levemente diferentes, ou mais que leve-
mente diferentes um de outro. Pela tradução horizontal podemos participar
de projetos diferentes. O poliglottismo é um enriquecimento de nossas possibi-
lidades de realização, é um aumento do território das nossas liberdades. A
tradução horizontal é uma libertação de um projeto, embora não de todo proje-
to.

Lembro aos senhores a última palestra, na qual tentei demonstrar que a conver-
sação é criação de realidades. Hoje estou afirmando que a conversação é a cri-
ação de intelectos. Com efeito, ambas essas afirmativas precisam ser tomadas
como um único conjunto, como cara e coroa da mesma moeda. A conversação, to-
mada em seu aspecto extrospectivo, vista a partir do eu, portanto, cria reali-
dades. A conversação vista em seu aspecto introspectivo, vista a partir da
frase portanto, cria intelectos. Realidade e intelecto são o aspecto externo
e interno da conversação. Nenhuma realidade sem intelecto, nenhum intelecto
sem realidade. Creio que esta constatação simples, que decorre espontâneamen-
te da consideração da conversação, supera, definitivamente, a eterna querela
entre racionalismo e empirismo, entre idealismo e materialismo. O meu inte-
lecto, e a realidade a ele correspondente, são o aspecto interno e externo da
realização de um projeto. Dizer que não posso ultrapassar o projeto que sou é
dizer que não posso ultrapassar a realidade que me foi dada no projeto, isto é
potencialmente. Dizer que me realizo é dizer que realizo um mundo. Dizer que
o mundo me realiza é dizer que o mundo se realiza em mim. Todas essas afirma-
tivas são equivalentes. Eu sou o aspecto interno do mundo, e o mundo é meu as-
pecto externo, e, tomado em conjunto, é tudo isto um processo de conversação.
Mas creio que, a esta altura, não preciso mais introduzir um aviso de cautela
contra uma possível interpretação solipsista dessa afirmativa. Eu e o meu mun-
do não passam de um sulco dentro do campo geral da conversação, e neste senti-
do eu e o meu mundo objetivos.
O eu é portanto o aspecto interno, o mundo o aspecto externo do projeto que
impõe a conversação. Uma análise ontológica pode, portanto, distinguir duas
formas de ser nessa situação, a forma interna, que pode chamar de estar aqui
(existência), e a forma externa (o estar diante a mão). Quando a conversação
se condensa o suficiente para criar um eu, quando se afasta o suficiente do
verso, surge, introspectivamente, a existência, e extrospectivamente surgem
as coisas que estão diante da minha mão. A conversação progrediu o suficien-
te para eu estar jogado em meio de coisas. Mas deve ser claro que esta dis-
tinação é ontologicamente secundária, que se trata de dois aspectos do mesmo
processo. A contemplação de conversações alheias, de outras "culturas", de-
monstra isto claramente. Realizações de projetos alheios que são, jogam outros
tipos de eus em meio de outros tipos de coisas, se é que podemos expressar-nos
assim. Já tentei provar no curso destas palestras que esta distinção entre
eu e coisas é uma distinção devida ao nosso tipo de língua, ao tipo flexional.
portanto consequência de um determinado projeto, a saber o nosso. Possivel-
mente as culturas alheias, realizações de projetos diferentes que são, não dis-
tinguem entre existência e estar diante da mão, e as nossas análises ontológ-

significado para elas. Em todo caso, para o nosso projeto, a vida é válida e forma o tema da conversação existencial da atualidade. O processo de realização, a partir desse ponto, consiste na modificação gradativa do eu e das coisas de acordo com o projeto, portanto numa modificação produtiva e tautológica simultaneamente, conforme já me esforcei por demonstrar na última quarta-feira. No caso do nosso projeto consiste na transformação das coisas em instrumentos, e do eu em Deus. De certa forma portanto da matemática e lógica pura, o nosso projeto, o projeto que somos e que nossa realidade é, se aproxima rapidamente de sua realização total. Uma vez realizado o projeto, a nossa conversação se esgotará, e advirá o silêncio, que pode ser chamado de céu ou felicidade, ou também de morte e inferno do tédio, de acordo com as predileções de cada um. As diferentes teorias históricas, e mais especialmente o hegelianismo e o marxismo, não passam de explicações do nosso projeto. Vicente Ferreira da Silva, contra o qual todo este argumento está dirigido, e ao qual deve indizivelmente muito, estava todo embuído deste aspecto do nosso projeto. De forma dramática, para não dizer trágica, não se cansava de se debater, esperneando, como dizia, contra a inexorável realização do nosso projeto, contra a vinda da época messiânica na forma de uma noite cinzenta. Como pantera presa na jaula do nosso projeto, jogava-se Vicente Ferreira da Silva, em hybris prometética, contra os grades, atrás das quais não via, nas palavras de Rilke, "mundo nenhum", e advogava, em desespero, mil e uma saídas. Todas essas saídas se resumiam numa só: sair do projeto que somos, deixar de ser o que somos, ser outra coisa, outro projeto, por exemplo pseudo-gregos, ou pseudo-negros, ou pseudo-pagãos, enfim voltar às fontes das quais um novo projeto brotará. Embora discorde eu profundamente de toda esta argumentação, por considerá-la auto-refutadora, considero que o fenômeno Vicente Ferreira da Silva é uma prova patente da inexauribilidade de nosso projeto. Se o nosso projeto produziu um intelecto como o dele, se ~~foi~~ capaz, a esta altura do seu desenvolvimento, de produzir um eu e um mundo de tamanha originalidade, não é de se receiar que estagne. Vicente Ferreira da Silva é um impulso na nossa conversação, e, embora limitado pelo projeto que somos, delinhe nova direção de resultado imprevisível.

O exemplo desse pensador ilustra como funciona o nosso projeto. É inexaurível por estar sempre aberto, em intelectos privilegiados, para o nada. E o exemplo ilustra ainda, de forma dramática, a dicotomia que se abre diante de nós entre pensamento e ação, ou, para falarmos teologicamente, entre fé e obras. Em outras palavras, ilustra o problema do engagement, tão em foco atualmente. A situação se afigura, dentro do contexto desta discussão, da seguinte maneira. Produto que sou do projeto que se realiza na conversação estou automaticamente empenhado na realização desse projeto. O meu engagement é sinônimo de eu. Ou de existe eu, existe engagement. Com efeito, engagement, eu e existência são sinônimos. Onde não existe engagement, não existe um eu autêntico. A falta do engagement caracteriza a conversa fiada. A conversa fiada, não sendo engajada, não consistindo de existências autênticas, nada realiza, é inautêntica, é decadente. Mas, dada a relatividade da autenticidade, que acabo de discutir, é o engagement também um conceito relativo. Por exemplo: a gritaria em ~~nosso~~ redor que parece querer convidar-nos para dois ou tres engagements políticos que se degladiam é, para mim, um mero ruído, uma típica conversa fiada que tomou a palavra "engagement" fiado da conversação autêntica da qual participo, na qual estou engajado. Mas saliento que é para mim, relativamente à minha camada de significado, portanto, que essa gritaria se apresenta dessa forma. Os pseudo-participantes dessa pseudo-conversação são, para mim, pseudo-eus, falsos intelectos, existências decadentes. Admito, entretanto, que para eles é eu que sou pseudo, que não passo de um falso intelecto alienado, decadente engavetado. Não tenho argumento contra o ponto de vista deles a não ser aquela íntima abertura para o nada, aquela intuição poética da qual falei e a qual mandei calar a boca durante a presente palestra.

Ora, o problema de ação contra pensamento, problema falso, conforme creio, é um sub-problema da autenticidade. Como definir a ação? Defini o pensamento como dúvida e como língua. Definirei a ação como uma maneira de superar a dúvida, a língua, o pensamento, uma maneira de acabar com a dúvida, de acabar com a língua, de acabar com o pensamento. A ação é uma superação da conversação que acaba com o intelecto. Do ponto de vista da ação não passa toda a conversação de estágio preparatório para a ação, e somente nessa preparação reside a sua justificativa. E o ponto de vista pragmático, com efeito, e explica a insistência sobre a "praxis" de todos aqueles que advogam a ação, "ação direta" como dizem um tanto brutalmente. Mas do ponto de vista da conversação a

rio do intelecto, com efeito um daqueles suicídios metafísicos dos
na última palestra. É uma desonestidade intelectual, e, consequente-
mente, uma perda de liberdade. Porque na ação a dúvida se cala inautenticamen-
te. A ação é uma forma inautêntica de superar a dúvida. A ação é uma forma de
conversa fiada. Nela o intelecto se desfaz no "a gente", e decai, cego, surdo e
mudo, rumo à morte. A ação é um detrito inarticulado da conversação, são as cin-
zas que a conversação deixa atrás de si como testemunho de sua passagem.

Mas, dentro do nosso projeto, essas cinzas são previstas, fazem parte do nosso
projeto. É por isto que chamei de falsa a dicotomia ação-pensamento. O nosso
projeto, que opõe o intelecto às coisas diante da mão (vorhandene Dinge), inclui
a ação, isto é a transformação dessas coisas em instrumentos. Dentro do nosso
projeto o pensamento cria coisas, e a ação as transforma em instrumentos. O pen-
samento é livre, porque cria coisas, mas cria essas coisas dentro do projeto que
é a nossa língua. A ação não é livre, porque é determinada pelo pensamento que
lhe fornece as coisas a serem transformadas em instrumentos. A passagem do pen-
samento para a ação é portanto a passagem da liberdade para a determinação, e nes-
te sentido a ação é inautêntica. Mas o nosso projeto prevê essa passagem, e nes-
te sentido é a ação uma realização autêntica do nosso projeto. E contra esta con-
tradição interna, contra esta absurdidade do pensamento que conduz inexoravelmen-
te para a ação, contra esta absurdidade da liberdade que conduz inexoravelmente
para a determinação, que Vicente Ferreira da Silva debalde se rebelava. Em seu
desespero face a essa absurdidade estava pronto a sacrificar o pensamento e mer-
gulhar para dentro da ação, em suicídio metafísico, como tantos o fazem atualmen-
te. Mas, em sua lucidez, sabia o que estava fazendo. Chamava de sua "alienação
política" justamente a sua participação na política, porque sabia que desta ma-
neira se alienava do pensamento.

Repito que para mim o problema é falso. A ação, embora inautêntica intelectual-
mente, é uma consequência necessária do pensamento autêntico dentro do nosso pro-
jeto. Uma consequência subalterna, como a técnica é consequência subalterna da
ciência, a política é consequência subalterna da ética, como Edison é consequên-
cia subalterna de Newton, como Alexandre é consequência subalterna dos pensadores
gregos. E a ação, sendo consequência, está atrasada em relação ao pensamento.
A ação da atualidade é consequência de um pensamento superado. O pensamento atu-
al terá por consequência ações previsíveis futuras. Esse atraso da ação aumenta
para mim, e sublinho para mim, o seu clima de inautenticidade. Nem por isto dei-
xo de reconhecer a sua necessidade. Creio que é uma das funções do pensamento
refletivo observar a ação, sem decair nela, mas observá-la com mente aberta para
reabsorvê-la dentro da conversação autêntica e assim autenticá-la.

~~O título desta palestra era, como os senhores podem verificar no papel na parede
da entrada, "A existência se realiza conversando".~~ Se consegui o meu propósito,
mostrei que a existência, ou o intelecto, ou esse centro do intelecto chamado "
eu", são a realização do projeto das nossas línguas, e realizam esse projeto con-
tinuando a conversação dessas línguas. A realização do projeto da língua é sín-
nimo da realização da existência. A ação em seu sentido trivial e em seu senti-
do político é uma forma subalterna dessa realização, o pensamento é sua forma au-
têntica. Mas a autenticidade sendo um conceito relativo, a minha hierarquiza-
ção não passa de uma formulação relativa. A querela entre protestantes e cató-
licos sobre o valor das obras é uma querela entre duas posições relativas. E com
este afirmativo estamos mergulhando para dentro do mar dos valores. As próximas
palestras serão dedicadas a esse oceano.